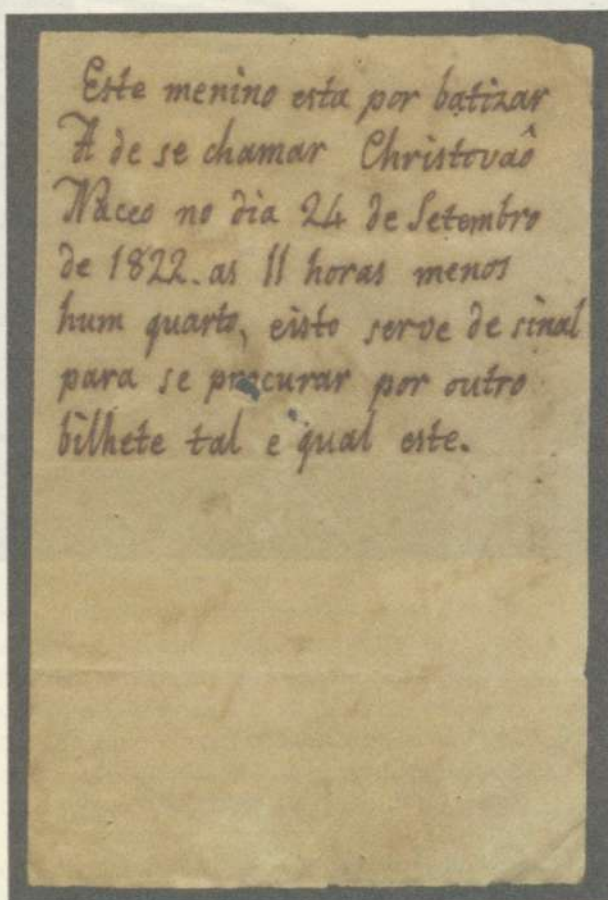


Crianças expostas na roda da Misericórdia

por
Francisco d'Orey Manoel

 Santa Casa da Misericórdia de Lisboa



Sinal de Cristóvão, criança exposta n.º 1229, nascida no dia 24 de Setembro de 1822.

Desde a criação da Santa Casa, em 1498, os membros desta Irmandade promoviam o apoio junto dos mais desfavorecidos e fracos. Tinham como objetivo praticar o bem, levando a cabo as *obras de misericórdia*.

No século XVI, ao assumir a administração do Hospital Real de Todos-os-Santos, a Misericórdia de Lisboa passou a promover ativamente o acolhimento, o tratamento e a criação dos menores que eram colocados na *roda dos expostos*, instalada no edifício deste Hospital.

A exposição dos bebés que davam entrada através da *roda* processava-se de forma anónima e, cerca de metade dos progenitores juntavam-lhes um bilhete (designado por *escrito*). Este incluía um texto onde registavam alguns pedidos, nomeadamente que o recém-nascido fosse batizado com um nome específico, que fosse entregue a uma ama dedicada e que tratasse bem a criança, ou ainda que o filho não fosse entregue a uma ama residente fora de Lisboa, porque, em breve, viriam requerê-lo. Também era frequente que os pais assinalassem no *escrito* algumas informações, tais como a menção do dia de nascimento ou particularidades físicas do filho, assim como as causas que obrigaram à sua entrega.

Sinal de exposto: conjunto de informações, *escritos* ou peças que acompanhavam a criança exposta, quando dava entrada na Casa da Roda. Para além dos objetos (roupas, textos manuscritos, fitas e diversas peças que serviam como marcas para identificar e protegerem espiritualmente aquele inocente), também se incluem como *sinais*, as marcas físicas (cor de pele, do cabelo, ou dos olhos) ou as deficiências (referindo, por exemplo, que o menor tinha uma fenda palatina, 6 dedos no pé, ou se encontrava num estado de saúde débil), para além de outras informações que eram registadas, tais como a hora e dia de entrada ou nome atribuído ao bebé.

Para mais informações, consultar:
http://www.scml.pt/pt-PT/cultura/arquivo_historico/trabalhos_publicados/

No Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa estão acondicionados mais de 87.000 sinais de expostos, executados em 1790 e 1926. Este é o maior conjunto de sinais existente no Mundo, sendo que a maioria destes documentos são formados apenas por um texto. Uma grande percentagem destas mensagens possui uma redação muito simples, sendo que, por vezes, são escritos num português menos erudito e com uma ortografia mais irregular, ou são redigidos num suporte de papel de dimensões reduzidas. Mas não é por causa da sua simplicidade que um *sinal* deixa de emitir “vibrações” intensas; em todos os casos, a profunda emoção está intimamente relacionada com a separação do recém-nascido.

Ao receber os bebés, a Misericórdia entregava-os a “amas-de-leite” e, posteriormente, a “amas-de-seco”. Estas tinham como obrigação criar e educar o menor, e eram inspecionadas periodicamente, sendo confirmado se as crianças estavam a ser bem tratadas e se o respetivo pagamento poderia ser processado.

Após uma análise da vasta documentação (que felizmente foi sendo preservada ao longo dos séculos pela Misericórdia de Lisboa), verificamos que as exposições tinham como causa principal a falta de meios no seio familiar, aparecendo casos em que essa família já comportava muitos membros e os recursos eram limitados. Por vezes, também referem que a doença tinha afetado gravemente a mãe ou o bebé, ou que tinha surgido uma situação de falta de sustento, uma vez que o pai tinha partido para fora de Lisboa ou tinha morrido. Deste modo, a *roda dos expostos* funcionava como a resposta da sociedade, numa tentativa de apoiar as famílias mais carenciadas, pelo que, a ação de entregar uma criança aos cuidados da Misericórdia era perfeitamente normal e aceite socialmente. Este aspeto é visível, dado que os menores eram colocados na *roda* a qualquer hora do dia ou da noite e, em alguns casos, chegam a registar o nome dos progenitores ou juntar elementos identificadores, como uma fotografia do pai, uma certidão de batismo do bebé, um monograma ou um cartão-de-visita.

Por outro lado, a *roda* contribuía para o combate da mortalidade infantil, permitindo colaborar

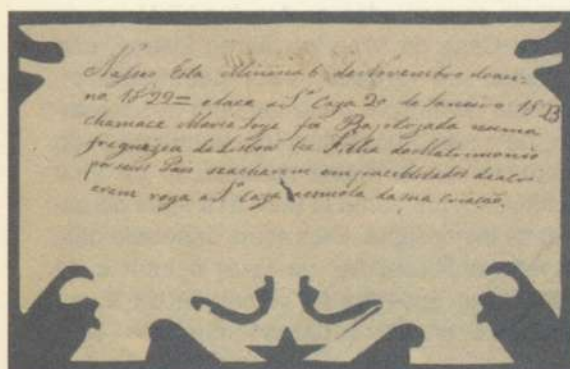
para o aumento da população. Este aspeto era fundamental nas comunidades do Antigo Regime e do século XIX, uma vez que originava um incremento da mão-de-obra e, consequentemente, uma progressiva prosperidade. Por outro lado, um país com mais membros, poderia reforçar as suas fileiras militares e, consequentemente, impor-se a outras sociedades.

Tendo presente que a maioria da população era analfabeta, e uma vez que em múltiplos casos o tipo de informação inserida nos *sinais* é muito semelhante, é provável que existissem pessoas junto da *roda* a quem a população recorria para redigir essas mensagens. Por outro lado, também aparecem alguns *sinais* escritos noutros idiomas, como o espanhol, francês, ou inglês, surgindo também alguns “adornados” de frases em latim.

Por vezes surgem *sinais* que incluem arranjos decorativos, nomeadamente pequenos desenhos ou recortes. Em determinadas situações esses cortes eram realizados na extremidade da folha, tendo como função permitir a sua validação, através do encaixe do *sinal* que tinha sido entregue com o bebé, juntando-o com o documento (ou *contrassinale*) que ficava em poder dos pais. Este último documento era apresentado quando os progenitores vinham reclamar o seu filho, permitindo ao funcionário da Santa Casa confirmar que aquela pessoa era o pai ou a mãe desse menor e, por outro, possibilitava que os progenitores verificassem que não surgiam trocas de crianças, na altura da sua reclamação.

Mas, em alguns casos o *escrito* era acompanhado de fios, fitas, ou tecidos, e outros descreviam um enxoval entregue. Em situações raras faziam acompanhar o *escrito* de medalhas ou pagelas com a imagem de Santos, frações de bilhetes de lotaria ou pequenos desenhos, amuletos de proteção, elementos decorativos (como anéis) ou brincos, tranças de cabelo da mãe, exemplares relacionados com a música ou o teatro, entre outros artefactos. Estes casos demonstram um cuidado suplementar com a junção de outros elementos que ajudavam na identificação do filho, mas também serviam de auxílio e estímulo para a vida que tinha de ser percorrida com ânimo e determinação.

Para mais informações sobre este tema, consulte o link:



Sinal de Maria José, criança exposta n.º 111, nascida no dia 6 de Novembro de 1822. É indicado que a exposta é filha dum matrimónio, mas os pais estão impossibilitados de a criar. O suporte de papel apresenta corte efetuado para efeitos de validação.